

# A doença e a Morte num rural

## - o natural na produção e gestão da doença e nas concepções sobre a morte

Joaquim Lopes

INVESTIGAÇÃO NO ÂMBITO DA ECOLOGIA DA SAÚDE

**Resumo:** A presente investigação foi apresentada em 2000 para a obtenção do grau de Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a orientação do Professor Doutor Jorge Crespo. Trata-se de um estudo exploratório, qualitativo, descritivo, analítico e transversal, caracteristicamente etnográfico e etnológico. Procurou-se pelo alcance temporal, espacial e cultural, explorar a influência do natural nas representações objectivas e subjectivas de dois eixos que se ligam entre si: a produção e gestão da doença e as concepções sobre a morte.

### **Definição do Problema e Delimitação do Objecto**

Partindo da necessidade de conhecer e compreender o "outro" para realmente o poder assistir, surge o interesse em conhecer também o que, sendo intimamente "seu", está para além do contexto da prestação de cuidados de enfermagem: as suas culturas de origem e, em particular dentro destas, as dimensões da doença e da morte. Pretendendo fazer um estudo em compreensão, a necessidade da circunscrição precisa do objecto a estudar obrigou à escolha de um contexto cultural concreto: A aldeia de Peroguarda, concelho de Ferreira do Alentejo. Surge a questão: de que modo particular se expressa em Peroguarda a influência do natural nos campos da doença e da morte humana?

### **Objectivo E Metodologia**

O objectivo deste estudo visou contribuir para a compreensão da forma particular da influência do natural na produção, explicação e gestão da doença e nas concepções sobre a morte, na dinâmica biocultural tradicional da aldeia.

É pois rejeitada à partida a concepção da relação de simples causa-efeito na compreensão da forma das relações entre o natural e o grupo humano da aldeia, pelo que a preocupação com o controlo experimental foi francamente menor que com o que, como e quando descrever os acontecimentos decorrentes. O estudo teve um carácter exploratório, qualitativo, descritivo, analítico e transversal. Foi feito com recurso a um trabalho de campo que além da observação participante e da recolha empírica (sob a forma de observação e entrevistas), incluiu igualmente a consulta de fontes iconográficas e documentais, impressas e manuscritas.

### **Enquadramento Teórico**

A Diferente Ligação do Natural como Característica dos Contextos Humanos Rurais e Urbanos A dependência, utilização e valorização prática e simbólica do natural que se verifica nos contextos rurais, surge como o factor mais significativo da diferenciação entre o urbano e o rural (Allègre, 1966).

Com toda a sua envolvimento territorial, a aldeia é por excelência o espaço humano privilegiado da onde se jogam as condições de vida dos grupos humanos nos habitats rurais em que a actividade agrícola e pecuária surge como o principal fundamento do quotidiano, organizando uma maior valoração prática e simbólica do natural.

Também o tempo, nas formas como é apreendido e praticado pelos grupos humanos, em consonância com o quotidiano que lhe dá forma, assume características próprias na vida que se desenvolve nestes contextos. Para uma população agrícola o tempo se relaciona com um ciclo rítmico imposto pelas ocupações respeitantes ao cultivo da terra e onde os períodos do ano e a conseqüentemente maior ou menor ocupação humana nessas actividades precipitam o seu ritmo e valor. Contrariamente às épocas de campanha agrícola, alturas de grande ocupação em que o tempo atinge o seu valor máximo e nunca é demais, nos outros períodos do ano as pessoas gastariam o tempo (de sobra) de forma mais displicente, em actividades menos urgentes, dando lugar às festividades tradicionais (Lisón-Tolosana, 1983).

A Doença e a Morte nos Contextos Humanos Rurais e Urbanos

Marques (1991) considera que no modo de reagir à doença são importantes aspectos relacionados com a doença propriamente dita, com as características da pessoa em causa e ainda com o contexto sócio-cultural, salientando a importância do significado da doença na determinação do modo individual e colectivo de com ela lidar. Na mente e na cultura camponesa predominam os "elementos cósmicos, espirituais, psicológicos e sociais na explicação do funcionamento ou disfuncionamento do corpo e conseqüentemente na explicação da saúde e da doença" (Nunes, 1997, 154).

Da conjugação entre a religiosidade e a espiritualidade camponesa e a sugestão do natural (seus significados e regras de funcionamento objectiváveis), decorre a noção de que no pensamento religioso camponês o tempo (e em consequência os fenómenos) se repete e não a de que é irreversível, um dos factores principais que aí suscitam a "semente" da noção (ou aspiração) da imortalidade humana (Jerónimo, 1999). Nos contextos humanos rurais, a proximidade e dependência do natural, da natureza nas suas várias acepções, leis físicas e biológicas, ambiente ecológico e universo como totalidade cósmica visível e invisível, contentor e organizador das populações humanas nos seus aspectos biológicos mas também sociais, culturais e espirituais, compreende-se como susceptível de introduzir na vida quotidiana uma lógica de circularidade integradora e explicativa do começo e do fim das coisas e, em última análise, do começo e do fim da vida dos próprios homens.



## CONCLUSÕES

*O Natural Como Recurso Explicativo do Corpo e da Origem da Doença na Aldeia de Peroguarda*

Fundadas na observação do próprio corpo humano e a partir dos fenómenos observados pela população, as concepções tradicionais locais da organização do corpo estruturam-se pois em muito com recurso a analogias a partir da biocenose não humana



(animal e vegetal) - "se queres conhecer o teu corpo, mata o teu porco", e "medrado" é tanto o trigo crescido da seara quanto o menino com um bom desenvolvimento físico - e por meio de explicações indutivas a partir da convivência humana com os elementos não-vivos do meio envolvente. Do corpo diz-se que "o frio enrija, a água embrandece e o sol aquece".

No campo da doença, às lógicas de explicação naturalísticas que atribuem a compreensão do seu aparelho causal à acção de forças climáticas ou outros elementos naturais que perturbam o equilíbrio homeostático do corpo, associam-se também as lógicas personalísticas (Foster, 1976), a partir das quais a doença pode ser também compreendida pela acção deliberada de uma pessoa ou de um espírito, em que os "olhares", "fitos" e "fitados" daí resultantes são percebidos como agressões ou castigos que se inscrevem na intensidade e tonalidade das relações sociais e sentimentos pessoais.

#### *Crenças e Práticas Tradicionais de Protecção do Corpo e "Afastamento" da Doença*

Presos ao pescoço por um fio de ouro, de prata ou de linha, pregados com um alfinete ou ocultos no forro de uma peça de vestuário, diferentes objectos de superstição e simbolismo demarcam a identidade religiosa da população, misturando símbolos de fé cristã com outros caracteristicamente pagãos, conferindo a quem os usa "graças" e "virtudes" diversas. Contextualizados nos aspectos personalísticos do sistema médico da aldeia, muitos destes amuletos continuam ainda na actualidade a ser utilizados na procura de protecções especiais contra as doenças

("afastamento"), principalmente "as que não se vêem", ou seja as que se associam aos "fitos".

Já numa lógica diferente, contra as doenças que têm alguma visibilidade física ou às quais é atribuível causalidade visível, outras formas de protecção se distinguem. A higiene corporal, a alimentação, o trabalho agrícola, o vestuário tradicional e até mesmo a dor, disso são exemplos.

#### *Diferentes Terapeutas, Diferentes Terapias*

Muito embora se reconhecesse aos homens "endireitas" um papel importante nos processos de cura, este confiava-se quase exclusivamente à resolução dos "desmanchos" (queixas dolorosas e impotências funcionais relacionadas com lesões musculoesqueléticas, sobretudo entorses e luxações).

De outro modo, numa lógica simbólica que se baseia na natureza, as curas tradicionais utilizadas pelas mulheres "virtuosas" organizam-se quer por meio do fundamento mágico-religioso que têm para a população (rezas e em benzeduras) quer ainda pela utilização nessas mesmas terapêuticas de materiais "em bruto" recolhidos no meio natural envolvente (leite de burra, ramo de oliveira, sanguessugas, água dos poços ou da chuva, ovos, trovisco, tomate, etc...), ou de substâncias transformadas

a partir dessa disponibilidade ambiental (azeite, vinagre, banha de porco, cascas de ovos torradas, pão, entre outros).

A Consciência do Acontecimento da Morte e o Recurso ao Natural na Construção da sua Significação

Um pássaro ou rato caídos no chão, as peças de caça trazidas pelo pai e vizinhos, uma ovelha ou a cadela da família que morre a parir, uma galinha ou coelho da criação mortos pelas mães para consumo, continuam, agora como antes, a proporcionar às crianças de Peroguarda, como na generalidade das culturas caracteristicamente rurais, a oportunidade de desde cedo tomarem contacto com a morte dos animais. Quanto à morte humana, não obstante os adultos procurassem “desviar” as crianças da participação nas práticas de “acompanhamento” e no envolvimento emocional do luto, também essas não lhes eram completamente despercebidas.

“As crianças de casa dos falecidos iam para casa de um parente ou vizinho, mas às vezes não podia ser e ficavam lá...resguardava-se como podia mas assistiam a muita coisa”

Sugeridas a partir desse acesso, mesmo as próprias brincadeiras em torno da temática da morte humana ou dos animais contribuíam para sedimentar as primeiras tomadas de consciência da sua existência e das concepções e atitudes do colectivo.

#### *“A Natureza Está Toda Ligada”*

“...a natureza estará toda ligada uma à outra...acho que é uma coisa que está ligada, os homens com os animais... (...) Um animal nasce ou para trabalhar ou para...enfim, e depois morre também. Por isso, nós homens morremos...e os animais também, por isso acho que é tudo...faz parte da mesma vida”

Pretendendo explicar a ordem institucional pela atribuição de validade cognoscitiva aos significados objectivados sobre a morte (Berger & Luckmann, 1977), percebe-se em Peroguarda, na forma como a natureza é compreendida e dialeticamente se ajusta à mente humana para ordenar a vida do homem em sistemas de interpretações teóricas, a compreensão e aceitação da morte enquanto fenómeno biológico de força maior, com regras intemporais e transversais a todas as formas de vida (entre as quais se inclui a espécie humana), em ligação estreita com a formulação de que “o mundo animal e o mundo vegetal não são utilizados apenas porque existem mas porque sugerem ao homem um método de pensamento”.(Levi-Strauss, 1964).

#### *A Valorização da Terra na Vida e na Morte*

Apesar dos rituais católicos em torno do acontecimento da morte e da sugestão escatológica da religião oficial, a partir do pragmatismo da mentalidade camponesa a evidência do enterro contribui para suscitar a dúvida local a propósito do que realmente acontece quando se morre. Não se trata aqui da descrença definitiva sobre o destino último dos homens e do mundo proposto “pelos padres”, mas antes da sua relativização e contextualização cultural local, com consequentes efeitos na menor adesão ao sentido estrito da explicação e rituais católicos e opção por outros que igualmente contribuem para a organização da religiosidade tradicional da aldeia. Os elementos da natureza, e muito em particular a terra, jogam um papel central no destino dos mortos. Imbuída de uma importante ligação à reificação das relações homens/natureza e à espiritualidade atribuída ao meio ambiente, a terra sugere também, em analogia com o



que os homens testemunham na natureza, a capacidade de pela morte regenerar a vida.

#### *A Morte Individual Para a Vida do Colectivo*

“Morrer serve para deixar espaço aos outros (...) se não morrêssemos fechávamos o mundo, não cabíamos cá”

Percebida como fenómeno eco-organizador (Morin, 1989), ou seja não só desorganizadora/destruidora mas também com funções nutritivas, regeneradoras e por isso reguladoras da vida da aldeia, mais do que um “mal”, a morte dos velhos e para os velhos insinua-se também como um “bem necessário” que transporta consigo virtudes organizacionais de renovação biológica mas também sócio-cultural.

“A morte pode servir p’ra muitos...para os meus filhos...que vão buscar os lucros que eu tenho”

Dois processos conferem aí à morte um papel primordial na transferência e reorganização do património ao longo das gerações: “enquanto que a morte trás consigo o fim do indivíduo, marca também o começo de um processo de redistribuição da propriedade” (Feijó e outros, 1985, 117) e de reordenação da vida futura dos herdeiros, insinuando-se

assim, no domínio do imaginário popular, uma congruência entre as alusões à ligação da morte com a herança, e a crença (ou esperança) na imortalidade da comunidade, da família e, enfim, do contributo de cada um.

#### *A Morte Individual Para a Vida Individual: A Doação de Órgãos*

Num espaço rural do interior do Baixo-Alentejo, velhos camponeses, muitos deles sem qualquer escolaridade, encontram no tema recente e altamente diferenciado em termos científicos e tecnológicos da transplantação de tecidos humanos uma das principais respostas à questão da “utilidade da morte”.

“A morte pode servir depende dos casos, ora vamos ver, se uma pessoa que está condenada a morrer ou por exemplo morreu de um desastre ou assim, lhe puderem tirar um órgão para benefício de outro, aí eu acho que está bem. Se a pessoa morreu, não é? ...só assim em benefício de outra pessoa, de outra maneira não estou a ver”

Esta não é, estamos em crer, uma temática originária da cultura tradicional da aldeia, estando a sua alusão provavelmente em ligação com os efeitos exercidos pelas tecnologias de informação e em particular a televisão, mas fica-nos ainda

assim a dúvida de quanto tal apropriação da explicação "doação de órgãos" como uma das funções da morte se pode procurar compreender como vindo de encontro a premissas de concepções culturais prévias sobre a morte-renascimento que, como vimos anteriormente, se percebe na aldeia pela forte valorização simbólica da terra como elemento que acolhe a morte e regenera a vida. Assim, uma vez que a substituição de órgãos abre perspectivas gerais de resistência à morte, esta explicação insinua-se como um "mentefacto" simultaneamente altruísta e egoísta, que vai no sentido da generatividade para com os outros (da mesma espécie e por isso para a espécie), mas que igualmente proporciona a continuação simbólica (e prática, na óptica dos tecidos transplantados) da vida de cada um que morre, na vida de cada outro que continua a viver.

A ser assim, é caso para pensar que em Peroguarda tal como a morte "sobrevive" pela vida, também a vida sobrevive pela morte.

*"O mundo animal e o mundo vegetal não são utilizados apenas porque existem mas porque sugerem ao homem um método de pensamento"*

*Lévi-Strauss*

*"Quem só sabe de medicina  
nem de medicina sabe"*

*Abel Salazar*

#### Bibliografia do Artigo

- ALLÈGRE, C. – Ecologia das Cidades, Ecologia dos Campos. Perspectivas Ecológicas. Instituto Piaget. Lisboa. 1996.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. – A Construção Social da Realidade. 14.ª Edição. Coleção Antropologia 5. Editora Vozes. Petrópolis. 1997.
- FEIJÓ, R. e *outros* – A Morte no Portugal Contemporâneo. Aproximações Sociológicas, Literárias e Históricas. Editorial Quercó. Lisboa. 1985.
- FOSTER, G. – Disease Etiologies in Non-Western Medical Systems. *American Anthropologist*, 1976, LXXVIII, 4, 773-782.
- JERÓNIMO, R. – Sazonalidade e Tradição. A Construção Social do Tempo na Vila da Ericeira. Tese de Mestrado em Antropologia: Patrimónios e Identidades. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa. 1999.
- LISÓN-TOLOSANA, C. – Belmonte de los Caballeros. *Anthropology and History in an Aragonese Community*. Princeton University Press. Princeton. 1983.
- MARQUES, A. e *outros* – Reações Emocionais à Doença Grave: Como Lidar... . Edição Psiquiatria Clínica. Coimbra. 1991.
- MORIN, E. – O Método II. A Vida da Vida. 2.ª Edição. Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América. Lisboa. 1989.
- NUNES, B. – O Saber Médico do Povo. Edições Fim de Século. Lisboa. 1997.
- PINA, M. – Peroguarda – Aspectos Culturais de uma Freguesia do Baixo Alentejo. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo. Ferreira do Alentejo. 1999.
- ROQUE, J. – Alentejo Cem Por Cento. 2ª Edição. Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo. 1990.

Fotos

<http://jocajor.no.sapo.pt/interest.htm>



**Joaquim Lopes**

Professor Adjunto da ESS, IPS  
Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica  
Mestre em Ecologia Humana

E-mail: [jlopes@ess.ips.pt](mailto:jlopes@ess.ips.pt)

**Investigação**